



ISSN: 2310-0036

Vol.3 | Nº. 17| Ano 2026

Saíde Augusto

Universidade Católica de
Moçambique

saugusto@ucm.ac.mz



Rua: Comandante Gaivão nº 688

C.P.: 821

Website: <http://www.ucm.ac.mz/cms/>

Revista: <http://www.reid.ucm.ac.mz>

Email: reid@ucm.ac.mz

Tel.: (+258) 23 324 809

Fax: (+258) 23 324 858

Beira, Moçambique

A Modernidade, Globalização e Transformações na Identidade Social: Uma Análise Crítica do Pensamento de Bauman

Modernity, Globalization, and Transformations in Social Identity: A Critical Analysis of Bauman's Thought

RESUMO

Este artigo resulta de uma análise crítica do pensamento de Zygmunt Bauman sobre globalização, cultura e identidade na sociedade moderna. A partir do conceito das duas modernidades (sólida e líquida), Bauman descreve a transformação do mundo social, marcada na modernidade sólida por ordem, controle e estabilidade, e na modernidade líquida por incerteza, individualização e consumo desenfreado. A modernidade líquida resulta numa sociedade fragmentada, onde as identidades são fluidas e mutáveis, e a confiança nas instituições enfraquece-se, levando ao aumento da ansiedade, insegurança e sensação de impotência dos indivíduos. O estudo discute, também, os impactos da globalização na cultura e nas desigualdades sociais, evidenciando a porosidade dos limites tradicionais dos Estados-nação e a crescente mobilidade cultural e económica. As desigualdades socioeconómicas, muitas vezes agravadas pela lógica do consumismo e pelo sistema capitalista, continuam sendo um desafio que requer acções internacionais e políticas públicas eficazes. Por fim, o trabalho reflecte sobre as questões éticas e sociais suscitadas por esse cenário, apontando para a necessidade de acções que promovam a cidadania e reduzam as disparidades. As contribuições de Bauman oferecem uma compreensão profunda dos desafios actuais e momentos de esperança de possíveis novas formas de estabilidade social, num mundo marcado pela fluidez e pela incerteza.

Pavras-chave: Globalização, Cultura, Sociedade, Modernidade, Desigualdades

Abstract

This article results from a critical analysis of Zygmunt Bauman's thought on globalization, culture, and identity in modern society. Based on the concept of the two modernities (solid and liquid), Bauman describes the transformation of the social world, marked in solid modernity by order, control, stability, and in liquid modernity by uncertainty, individualization, and rampant consumerism. Liquid modernity results in a fragmented society, where identities are fluid and changeable, and trust in institutions weakens, leading to increased anxiety, insecurity, and a sense of powerlessness among individuals. The study also discusses the impacts of globalization on culture and social inequalities, highlighting the porosity of the traditional boundaries of nation-states and increasing cultural and economic mobility. Socioeconomic inequalities, often exacerbated by the logic of consumerism and the capitalist system, remain a challenge that requires international

action and effective public policies. Finally, the work reflects on the ethical and social issues raised by this scenario, pointing to the need for actions that promote citizenship and reduce disparities. Bauman's contributions offer a profound understanding of current challenges and moments of hope for possible new forms of social stability in a world marked by fluidity and uncertainty.

Keywords: Globalization, Culture, Society, Modernity, Inequalities

Introdução

Este artigo propõe uma análise crítica do pensamento de Zygmunt Bauman acerca da globalização, cultura e identidade na sociedade contemporânea. Como um dos principais sociólogos que investigou as transformações sociais das últimas décadas, Bauman destaca a transição da modernidade sólida, marcada por estabilidade e controle, para uma modernidade líquida, caracterizada pela fluidez, incerteza e constante mudança. Compreender esses conceitos é fundamental para mapear os desafios actuais relacionados às desigualdades sociais, à desindustrialização e às mudanças na construção da identidade individual e colectiva. Assim, busca-se reflectir sobre como as suas ideias auxiliam na compreensão das imperfeições da vida social e apontam possíveis caminhos de superação.

Bauman, imbuído por uma visão humanística, procurou (incansavelmente) estudar o mundo social, traduzindo-o em textos. Na busca pela compreensão da complexidade e da diversidade da vida humana, desenvolveu uma visão sobre o mundo, em função de um quadro de referências construído a partir dos contextos sociopolíticos e culturais em que viveu, e dos significados que ele atribuiu ao mundo que o rodeia (ou que o rodeava). Das suas contribuições, destacam-se neste trabalho, as reflexões desenvolvidas por ele sobre os problemas humanitários, a partir de dois eixos de análise, nomeadamente: a modernidade sólida – onde ele procurou destacar o papel do Estado no controlo e regulação da actividade humana, e a modernidade líquida – vista e descrita por Bauman como sendo o caos sobre a dimensão existencial do homem. Portanto, estes dois eixos permitem extrair importantes lições sobre a forma como este sociólogo aborda questões como (des)socialização do homem, os problemas da globalização, os problemas de justiça social, vistos numa perspectiva ética e humanitária.

A metodologia adoptada neste trabalho caracterizou-se por uma abordagem teórica e analítica, fundamentada na revisão bibliográfica de fontes especializadas, com ênfase na obra de Zygmunt Bauman e em estudos que abordam os conceitos de modernidade sólida e líquida, globalização, identidade, desigualdades sociais e suas implicações. Para o efeito, foi realizada uma pesquisa documental, privilegiando a leitura crítica e a análise interpretativa de materiais escritos, tais como livros e artigos científicos de autores relevantes nas áreas de sociologia, filosofia, ciências políticas e estudos culturais. A selecção dessas fontes baseou-se na sua relevância para a compreensão das principais linhas norteadoras do pensamento de Bauman, assim como na adequação à actualidade do conteúdo.

Modernidade Sólida: ordem e controlo

A modernidade sólida é caracterizada por dois fundamentos básicos, nomeadamente o ordenamento racional – o controlo do mundo tendo como instrumento de controlo a razão e a técnica (ciência e técnica). A nova ordem da modernidade sólida passa por tornar o mundo o melhor possível, por via da categorização e do controlo social, político e territorial. Emerge, portanto, o Estado-Nação (Mocellim, 2007). O nascimento do Estado-Nação teve como principal implicação o controlo e a dominação, ao invés da libertação (embora diga-se, o homem foi liberto em relação à sua dependência com a Natureza). O controlo e a dominação

são estabelecidos a partir de quatro factores-chave, nomeadamente o Capitalismo (Sistema de relações de trabalho, produção, consumo e capital); Industrialismo (uso de máquinas que funcionam com base no consumo de energia eléctrica para a produção de bens); Vigilância (controlo da população em termos de como se relacionam, como se movimentam, suas ocupações, através de órgãos governamentais como o poder legislativo e o poder judicial); o Poder Militar (recurso a meios de violência para controlar e garantir a estabilidade territorial) (Silva, 2011; Fragoso, 2011).

A outra característica da modernidade sólida é o aparecimento da metrópole e do dinheiro, que tornaram diversificados os modos de vida das pessoas (Mocellim, 2007). Estes dois elementos aumentaram a individualização e a impessoalidade, um consequente do outro. Ou seja, regista-se maior heterogeneidade entre pessoas e maior liberdade de acção, pelo facto de a diferença tornar-se relativa, fazendo com que a sociedade seja mais ambígua, levando a objectivação e instrumentalização das relações sociais (Bauman & Haugaard, 2008; Silva, 2012).

Modernidade Líquida: incerteza, individualização e consumismo

A industrialização do mundo, da qual emergiram desenvolvimentos diversificados, nos vários domínios da ciência e da técnica, e o consequente aprimoramento dos sistemas de transporte e comunicações, como necessidades impostas pelo aparecimento de grandes cidades (metrópoles) e comércio fluído (circulação de dinheiro), tornaram o mundo mais globalizado e isso fez com que a ideia de projecto moderno sofresse um profundo abalo, fosse questionável, em termos da sua efectividade. Assim, o Estado-Nação experimentava dificuldades para, segundo Mocellim (2007), eliminar as ambivalências, separar os de dentro e os *outsiders* (porque qualquer distinção poderia tornar-se perigosa pelo clima de desconfiança que isso poderia levantar). Portanto, a modernidade líquida caracteriza-se pela mudança constante, conduzindo a uma sensação de insegurança e imprevisibilidade nas relações sociais (Bauman & Haugaard, 2008; Fa-cai, n.d.), e sobressai a individualização e o consumismo, como uma das manifestações da nova ordem social que, por via da qual, a identidade pessoal é moldada por padrões de consumo e não por normas culturais colectivas (Palese, 2013; Rattansi, n.d.) concorrendo assim, para a formação de identidades, onde os indivíduos adoptam e descartam marcadores culturais com base nas tendências do mercado (Freitas, 2024). Mas como Zygmunt Bauman relaciona a modernidade líquida com a pós-modernidade e quais são as implicações sociais disso?

Para responder a questão, Zygmunt Bauman olha para o conceito (modernidade líquida) como uma evolução crítica da pós-modernidade, reflectindo mudanças profundas nas estruturas sociais e experiências individuais. Para Bauman, a modernidade líquida caracteriza-se pela fluidez, incerteza e erosão de instituições sólidas, conduzindo a uma sociedade onde as relações e os valores são transitórios (Pallares-Burke, 2003). Esta transformação tem implicações sociais significativas, sendo a principal a fragmentação da sociedade, da qual os indivíduos experimentam uma sensação de desconexão, pois os vínculos que antes proporcionavam estabilidade são substituídos por interacções fugazes (Mohammed & Belal, 2025).

Feita a análise sob esse prisma, pode-se afirmar que, a modernidade líquida está associada à globalização e à desregulamentação, levando à erosão da confiança nas instituições e ao aumento da responsabilidade individual (Rattansi, n.d.). Por outro lado, o estado de ansiedade e a natureza fluida da modernidade líquida resulta num aumento da ansiedade e da insegurança, à medida que os indivíduos navegam numa paisagem social em constante mutação (Tfouni & Silva, 2008). Portanto, Bauman analisa a modernidade líquida evidenciando os desafios de uma sociedade fluida, sendo importante considerar o potencial de ressolidificação. Não obstante a crise de identidade provocada pela modernidade líquida, alguns estudiosos argumentam que, apesar da fluidez generalizada, existem oportunidades para novas formas de estabilidade e reincorporação de normas sociais, sugerindo que o processo de liquidez pode não ser inteiramente irreversível (Tfouni & Silva, 2008).

O desenvolvimento técnico acelerado diluiu o projecto de Estado-Nação, uma vez que, a categorização e o controlo (princípio *divide et impera*) das pessoas pelas elites políticas e governantes perde força. Assim, devido à mobilidade de pessoas, bens e serviços, associado à fluidez e rapidez das transacções comerciais (maior consumismo), os valores estabelecidos pelo Estado-Nação, tornaram-se ultrapassados e antiquados, uma vez que, “as instituições sociais perderam a solidez e liquefizeram-se tornando-se amorfas, paradoxalmente como líquidos” (Tfouni e Silva, 2008, p. 176) e, as pessoas:

deste tempo, no anonimato das metrópoles, têm a sensação de impotência sem precedentes, já que, no anseio por esta liberdade, os mesmos encontram-se por sua própria conta e risco em meio ao concreto. A responsabilidade é deixada às energias individuais, favorecendo a solução biográfica das contradições sistêmicas. Desta forma, como todos estão sem tempo, e preocupados com inúmeras atividades assumidas, poucos são aqueles que têm tempo e disponibilidade para dar o ombro amigo para o próximo; o vizinho é um desconhecido (Tfouni e Silva, 2008, p. 176).

No Estado-Nação, o homem sabia identificar os problemas que ameaçavam a sua existência e, com alguma propriedade, desenvolvia estratégias para enfrentá-los, porque, na sociedade sólida, os problemas eram reais e palpáveis. Hoje, o homem pós-moderno (sociedade líquida), sente-se incapaz de identificar os seus problemas e muito menos enfrentá-los, por isso:

o sujeito da modernidade líquida se constitui por inúmeros mal-estares, sentimentos de aflição, insegurança, depressão, ansiedade; já que são permanentemente ameaçados pela possibilidade de se tornarem supérfluos: lixo. E, portanto, terem suas vidas desperdiçadas antes mesmo de nascerem (Tfouni e Silva, 2008, p. 177).

Portanto, o cidadão hoje, pela dimensão planetária que lhe é característico (cidadão de nossa líquida sociedade), é frágil em, quase, todas as suas dimensões, porque os pilares que fortaleciam a sua existência (social, espiritual e material), estão todos fragilizados. A metrópole hoje se transformou numa selva, neste caso, a selva é de pedra e cimento. Ali, a vida é encarada na lógica de “salva-se quem poder”, ou ainda, na lógica de “cada um puxa a sardinha para a sua brasa” e descobre, no final, que, afinal, a sua brasa pode não ser propriamente sua,

pode ser de todos e, por isso, a moderna sociedade líquida revela a sua mais visível face de consumismo descaracterizado, desenfreado e sem precedentes, aquilo que Harden chamou de “Tragédia dos comuns” discutido em Cunha (2004), ao afirmar, a propósito que, um dos males que a sociedade enfrenta hoje tem a ver com “o sistema capitalista predominante na sociedade hodierna, pautado no vector da lucratividade e no consumo excessivo” (p. 9).

Portanto, o homem da sociedade líquida entrou no círculo vicioso de busca pela perfeição, de preenchimento do vazio, mas no fim de contas, vê-se mais vazio, mais angustiado e num total mal-estar.

Os conceitos de modernidade sólida e líquida em Zygmunt Bauman descrevem duas fases distintas da organização social e seus impactos nas estruturas sociais. A modernidade sólida é caracterizada pela estabilidade, ordem e previsibilidade, onde as normas e instituições sociais são bem definidas e duradouras. Em contrapartida, a modernidade líquida é marcada pela fluidez, incerteza e mudança constantes, conduzindo a uma sociedade mais individualista e fragmentada. Esta transição da solidez para a liquidez tem implicações profundas nas dinâmicas de poder, nas relações sociais e nas experiências individuais.

Identidade e Globalização

Tal como na modernidade líquida, falar de identidade hoje, não é o mesmo que aquilo que caracterizava o grupo fechado ou etnia (como era na sociedade sólida) e, à semelhança do Estado-Nação, a identidade, “também, se tornou mutável” (Mocellim, 2008, p. 2). A identidade cada um a faz, a constrói, a partir de dinâmicas e experiências que cada indivíduo passa, não podendo, por isso, depender da afirmação colectiva orientada para a observância das normas sociais estabelecidas pelo grupo.

O projecto da modernidade (a modernidade sólida) visou, em princípio, dar resposta às necessidades do Homem, libertando-o da dependência com a natureza, mas, na verdade, na modernidade o homem viu-se domado pelos meios que ele mesmo criou para o libertar da natureza. Alias, Marx, através do materialismo dialéctico (Borissov e Libman, 1988), procura mostrar os factores associados à decadência da sociedade sólida, e ascensão da sociedade líquida, ao afirmar que isso assenta-se nas leis do desenvolvimento social.

A mistura do “local” e do “global” dilui as identidades tradicionais – descritas como identidades coerentes, fortes e racionalmente construídas, em que o homem (detentor da identidade) é e/ou era considerado “único, centrado, unificado, coerente” (Mocellim, 2008, p. 11), veio colapsar as identidades tradicionais, uma vez que o mundo tornou-se híbrido, e, portanto, já não justifica considerar o outro de *outsider*, pois, tanto eu – *o local*, quanto ele – *o outsider* (o global), partilhamos os mesmos padrões, os mesmos estilos de vida (cidadão planetário). As mudanças que o mundo vive hoje resultam do fenómeno chamado globalização, enquanto processo dinâmico e “pluridimensional de mudanças na vertente económica, política e sociocultural” (Valério, 2015), e tais mudanças desafiam as soberanias dos Estados (na perspectiva do Estado-Nação) porque elas tornam o mundo num espaço comum e socialmente partilhável. Portanto, a globalização faz com que, territórios claramente definidos soberanos, sejam questionáveis.

A partilha de espaços comuns por pessoas e organizações faz convergir culturas (antes culturas localizadas) numa cultura global ou globalizada. Assiste-se, assim, e segundo Valério (2015), uma movimentação de pessoas, de bens e de conhecimentos (partilha de capitais: económico, intelectual, humano, social, etc.), que se traduz em migrações de larga escala. E, por essa via, “a cultura é modelada de tal forma a corresponder com liberdade individual de escolha de uma responsabilidade individual” (Bauman, 2016, pp. 5-21).

Zygmunt Bauman articula uma relação complexa entre globalização e identidade cultural, enfatizando a fluidez e a precariedade das identidades num mundo globalizado. Ele entende que a globalização fomenta uma paisagem onde as identidades culturais não são apenas transformadas, mas também commodificadas, levando a um estado que ele descreve como “modernidade líquida”. Esta condição resulta em identidades efémeras e muitas vezes moldadas pelas forças de mercado (Freitas, 2024; Díaz-Polanco, 2007), criando oportunidades e desafios para a expressão cultural.

Globalização e Desigualdades Socioeconómicas

A reflexão sobre desigualdades (sociais e económicas), nos permite compreender os seus limites e as consequências nelas resultantes. Portanto, as desigualdades sociais integram uma diversidade de formas e contextos, desde as desigualdades “entre países, dentro de países e dentro de comunidades” (WHO, 2009, p. 5) e as desigualdades entre géneros (Amâncio, 2003).

As desigualdades sociais são a consequência directa do modelo de desenvolvimento adoptado pelos países do chamado primeiro mundo (desenvolvimento industrial), já que este modelo é socialmente perverso, pelo facto de ser responsável pela geração da pobreza extrema no mundo (através da exploração ‘irracional de recursos’ e a consequente contaminação do meio ambiente), dividindo o mundo em dois blocos: sociedades ou países desenvolvidos e sociedades ou países subdesenvolvidos, como é referenciado no relatório de Brundtland, embora as sociedades desenvolvidas não escapam a problemas de desigualdades sociais, como nos mostram Zhou, n.d.; (Yan & Bhaumik, 2023), ao afirmarem que a desigualdade pode-se manifestar entre raças, entre classes, entre etnias e entre géneros, o que, de certa forma, impede as pessoas de exercerem a plena cidadania como membros duma determinada sociedade. Portanto, as desigualdades sociais, estratificam as sociedades, tanto sob ponto de vista económico, como sob ponto de vista de género e, consequentemente, contribui para a multiplicação de factores que concorrem para a vulnerabilidade social, em que a face mais visível desta vulnerabilidade social é a pobreza, como sendo a privação de possibilidades/oportunidades e de direitos. Portanto, a pobreza contribui, segundo Donald & Mottershaw (2009), para a perda da dignidade do respeito.

A disparidade entre géneros, por exemplo no acesso à educação, tem merecido debates nos círculos de reflexão sobre a problemática de desigualdades sociais. A este respeito, o Informe da UNESCO sobre EPT (Educação Para Todos) questiona, em função das disparidades existentes entre rapazes e raparigas (principalmente nas regiões da África Subsariana e os Estados Árabes) no acesso à educação, se a Educação Universal Para Todos será, de facto, alcançada até 2015. Ou seja, este informe procura tirar a ‘prova dos nove’ em relação ao alcance da meta 2-A dos ODM, segundo a qual os sistemas educacionais deverão “garantir que

até 2015, todas as crianças, de ambos os sexos, tenham oportunidade de completar um plano de estudos da escolaridade primária completa” (ODM, 2014, p 16).

A globalização tem um impacto também, nas económicas entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, com efeitos variáveis em função das dimensões específicas da globalização e do contexto económico dos países envolvidos. Embora a globalização possa oferecer oportunidades de crescimento e desenvolvimento económico, muitas vezes exacerba as desigualdades, particularmente nos países em desenvolvimento. Isto deve-se à distribuição desigual dos benefícios dos processos de globalização como o comércio, o investimento directo estrangeiro (IDE) e as migrações, tende a reduzir a desigualdade de rendimentos nos países desenvolvidos. Isto deve-se principalmente às infra-estruturas avançadas e estruturas institucionais que permitem a esses países capitalizar os benefícios da globalização, tais como o aumento do comércio e das entradas de IED (Naoaj, 2023), pois os países desenvolvidos dispõem, frequentemente, dos recursos tecnológicos e educativos para mitigar os efeitos adversos da globalização (Hui & Bhaumik, 2023), reduzindo ainda mais as desigualdades.

Pelo contrário, nos países em desenvolvimento, a globalização pode exacerbar as desigualdades de rendimentos, uma vez que, os benefícios da globalização, como o IDE e o comércio, não são distribuídos uniformemente, favorecendo os segmentos mais ricos da sociedade (Kazarian, 2025; Tabash et al., 2024), mesmo que, o IDE tenha demonstrado ter um impacto positivo na redução das desigualdades nos países em desenvolvimento (Naoaj, 2023; Tabash et al., 2024), através da criação de emprego e da promoção dos avanços tecnológicos. Assim, nos leva a concluir que, o impacto da globalização na desigualdade é significativamente influenciado pelos quadros políticos e institucionais em vigor, daí que, países com políticas robustas para gerir os efeitos da globalização tendem a experimentar menos desigualdade (Tabash et al., 2024).

Desigualdades Sociais: como reduzir?

Não obstante o mundo viver esta realidade (desigualdades sociais), esforços vêm sendo desenvolvidos por activistas sociais e organismos internacionais, de forma a reduzir e/ou a erradicar as desigualdades que a sociedade cria e sofre.

Porém, a redução das desigualdades sociais passa, necessariamente, pela criação de condições facilitadoras do exercício de cidadania. O Prof. Ignacy Sach cit. pelo Lima (1997), formulou uma série de princípios norteadores da valorização da dignidade humana que passamos a apresentar:

- a. *A satisfação das necessidades básicas da população;*
- b. *A solidariedade com as gerações futuras;*
- c. *A participação da população envolvida;*
- d. *A preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral;*
- e. *A elaboração de um sistema social que garanta emprego, segurança social e respeito a outras culturas.*

As Nações Unidas, dentro do contexto da luta pela redução das desigualdades sociais entre povos e nações, “definiu metas concretas para melhorar a existência de muitas pessoas e salvar as vidas daqueles que estavam ameaçadas pela doença e pela fome” (ODM, 2014, p. 4).

Portanto, a formulação dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio pela ONU, demonstra uma crescente preocupação pela redução das desigualdades sociais.

Uma outra acção levada a cabo pela ONU, dentro da luta pela erradicação das desigualdades sociais, pode ser traduzida no espírito da AGENDA 21, uma conferência na qual países signatários da ONU, comprometeram-se em desenvolver uma série de acções como:

Programmes to tackle poverty and international efforts supporting national efforts, as well as the parallel process of creating a supportive international environment, are crucial for a solution to this problem; 2 ... a development policy that focusses mainly on increasing the production of goods without addressing the sustainability of the resources on which production is based (); 3. A specific anti-poverty strategy is therefore one of the basic conditions for ensuring sustainable development; 4. An effective strategy for tackling the problems of poverty, development and environment simultaneously should begin by focusing on resources, production and people and should cover the demographic issues, enhanced health care and education, the right of women, the role of youth and indigenous people and local communities and a democratic participation process in association with improved governance (Agenda 21, 1992, p 14).

Como se pode ver, a pobreza atinge populações dos quatro cantos do mundo e, a preocupação pela sua redução e/ou a sua erradicação é, manifestamente, geral. Havendo mesmo individualidades que se associam à causa, dentro das suas possibilidades (ou áreas de estudo e/ou de intervenção), avançando e discutindo propostas de solução do problema, como são os casos de Nelson Mandela - no famoso discurso sobre *Rainbow Nations*, Muhammad Yunus, ao defender que “o microcrédito como programa de mudança social: pequenos empréstimos que possibilitem aos mais pobres combaterem as suas privações, exercendo as suas habilidades e capacidades de produção” (Valério, 2015, p. 20), Amartya Sen, ao apresentar “uma abordagem *qualitativa*: além de indicadores económicos, a pobreza consiste na privação de um leque mais amplo de potencialidades ou capacidades básicas de um indivíduo, isto é, uma insuficiência não-material” (Valério, 2015, p. 19).

Considerações finais

As contribuições de Zygmunt Bauman, ao apresentar importantes pensamentos sobre a sociedade líquida e os perigos que nela pairam, permitem levantar uma série de questões, nomeadamente: será que o desenvolvimento industrial associado ao das tecnologias de informação e comunicação terá valido a pena para o homem? Que ganhos tem o homem pelo desenvolvimento que ele mesmo criou? O que é melhor – vivermos misturados e consideramo-nos cidadãos globais ou o melhor seria vivermos entrincheirados nos nossos territórios de origem estranhando os outros? Estas e outras questões encontram alguma resposta em Bauman e outros autores convocados para esta reflexão. A grande lição tirada da visão de Bauman reside no facto de que, embora os avanços tecnológicos e o aperfeiçoamento dos transportes e comunicações (que trouxeram maior e mais rápida mobilidade de pessoas e bens), o homem está longe de atingir a sua plenitude, muito pelo contrário, ele tornou-se refém dos resultados da sua evolução, estando, por isso, a viver em situação de mal-estar geral

nunca antes visto (os países do ocidente experimentam muita insegurança – devido à migração e ao terrorismo, os países pobres veem o seu estado de pobreza a acentuar-se cada vez mais, e os crimes tomam diversificadas formas e características (como, por exemplo, o crime cibernético). Portanto, as Nações perderam (ou quase perderam) a sua soberania, o homem tornou-se lobo de outro homem e, sem dúvidas, o homem perdeu a essência da sua existência. E, em função do percurso que a humanidade trilhou até hoje, e como o próprio Bauman afirma, dificilmente se atingirá a mais desejada sociedade perfeita, porque as experiências que a humanidade viveu até então nos mostram que “vida é como um lençol muito curto: quando se cobre o nariz, os pés ficam frios, e, quando se cobrem os pés, o nariz fica gelado.” (Bauman, citado em Pallares-Burke, 2003, p. 4-5).

As conclusões desta análise destacam que a teoria de Bauman acerca da modernidade líquida oferece uma compreensão aprofundada das transformações sociais, culturais e identitárias na contemporaneidade. A transição da modernidade sólida para a líquida reflecte uma sociedade marcada por incerteza, individualização crescente, globalização acelerada e fragilidade das instituições tradicionais, como o Estado-Nação. Essas mudanças impactam significativamente a percepção de identidade, tornando-a cada vez mais fluida, fragmentada e condicionada por forças de mercado, consumo e transformação cultural.

A análise evidencia que as desigualdades sociais e económicas tendem a se intensificar nesse contexto de liquidez social, exigindo esforços internacionais e nacionais para promover resultados mais equitativos. Destaca-se também que a globalização, embora promova uma circulação mais ampla de culturas e recursos, contribui para a precarização das identidades culturais e para o aumento das desigualdades sociais.

Para o futuro, recomenda-se a realização de pesquisas que aprofundem a compreensão das possíveis formas de resistência e fortalecimento das identidades em sociedades cada vez mais líquidas. Acredita-se que, estudos interdisciplinares poderiam explorar o papel das novas tecnologias, das práticas culturais e das políticas públicas na construção de identidades mais sólidas e inclusivas, mesmo em um cenário globalizado e marcado pela incerteza.

Referências bibliográficas

- Agenda 21 (1992). *United Nations Conference on Environment & Development*. Rio de Janeiro, Brazil, 3 to 14 June.
- Amâncio L. (2003). *Análise Social*. 38, 687 -714.
- Bauman, Z. (2016). *Per tutti i gusti. La cultura nell'eta dei consume*, 5-21.
- Borissov, E. E. & Libman, G. I (1998). *Marx, Engels, Lénine sobre sociedade* (Antologia). Moscovo, Edições Progresso.
- Cunha, L. H. (2004). Da “tragédia dos comuns” à ecologia política: perspectivas analíticas para o manejo comunitário dos recursos naturais. *Raízes*, 01 e 02, 10–26.
- Díaz-Polanco, H. (2007). *Identidad, globalización y etnofagia*.
<https://rehip.unr.edu.ar/handle/2133/13267>
- Donald, A. & Mottershaw, E. (2009). *Poverty, inequality and human rights. Do human rights make a difference?* Joseph Rowntree Foundation.
- Fragoso, T. de O. (2011). *Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman*. 1.
- Freitas, L. G. (2024). *Um diálogo com a modernidade a partir do conceito de globalização em zygmunt bauman*. <https://doi.org/10.29327/41387865>
- Lima, C. F. C. (1997). *Políticas e Trabalho*, 201-202.
- Mocellim, A. (2007). *Simmel e Bauman: modernidade e individualização*. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 1.
- Mohammed, H. D., & Belal, S. (2025). *Liquid Modernity: A Critical-Interpretive Model and Alternative to the Concept of Postmodernism*. *Science, Education and Innovations in the Context of Modern Problems*, 8(5), 588–595. <https://doi.org/10.56334/sei/8.5.58>
- Naoaj, Md. S. (2023). *The Globalization-Inequality Nexus: A Comparative Study of Developed and Developing Countries*.
- Palese, E. (2013). *Zygmunt Bauman. Individual and society in the liquid modernity*. *SpringerPlus*, 2(1), 191. <https://doi.org/10.1186/2193-1801-2-19>
- Pallares-Burke, M. L. G. (2003). *A Sociedade Líquida*. *Caderno Mais*, 19, 4-5
- Rattansi, A. (n.d.). *Liquid Modernity*. <https://doi.org/10.7765/9781526105882.00024>
- Relatório sobre Objectivos do Desenvolvimento do Milénio (2014).
<https://www.imvf.org/2014/07/11/relatorio-sobre-os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio-2014/>
- Silva, S. P. da. (2012). A educação física entre o projeto social da modernidade sólida e da modernidade líquida. *Educação (UFSM)*, 37(3), 585–597.
<https://doi.org/10.5902/198464445071>
- Silva, sidinei P. da. (2011). *A educação física entre o projeto social da modernidade sólida e o projeto social da modernidade líquida*.
<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/download/3451/1442>
- Tabash, M. I., Elsantil, Y., Hamadi, A., & Drachal, K. (2024). *Globalization and Income Inequality in Developing Economies: A Comprehensive Analysis*. *Economies*.
<https://doi.org/10.3390/economies12010023>.
- Tfouni, F. E. V. e Silva, N. (2008). *A modernidade líquida: o sujeito e a interface com o fantasma*. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 1, 171-194.
-

- Valério, I. (2015). *A globalização e o problema da pobreza a nível mundial*. Revista Comunicando, 4, 14-19.
- WHO (2009). *Environmental and health risks: the influence and effects of social inequalities*. Report of an expert group meeting. Bonn, Germany.
- Yan, H., & Bhaumik, A. (2023). *Economic Globalization and Income Inequality: A Review*. *Asia-Pacific Journal of Management and Technology*, 03(04), 01–09.
<https://doi.org/10.46977/apjmt.2023.v03i04.001>
- Zhou, F. (n.d.). *Between Modernity and Postmodernity - On Liquid Modern Society of Zygmunt Bauman*. <https://doi.org/10.3969/j.issn.1000-3541.2010.03.031>